

parecer 2**revisora:** flávia menezes**status:** publicável com revisões**infância, experiência e filosofia:****um diálogo com a obra infâncias: aqui e além-mar****autoras****fabrícia machado fernandes**

universidade do sul de santa catarina,
 programa de pós-graduação em educação
 (ppge/unisul), santa catarina, brasil
 fabriciamachadofernandes@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0004-4855-9353>

luciane pandini simiano

universidade do sul de santa catarina,
 programa de pós-graduação em educação
 (ppge/unisul), santa catarina, brasil
 e-mail: lucianepandini@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8378-2359>

doi: 10.12957/childphilo.2026.94833**recebido em:** 06.01.2026**como citar este artigo:**

Fernandes, F. M.; Simiano, L. P. Infância, experiência e filosofia: um diálogo com a obra infâncias: aqui e além-mar childhood & philosophy, v. 22, p. 1-24, 2026. Acesso em :_____. Disponível em:_____. doi: 10.12957/childphilo.2026.94833



O artigo *Infância, experiência e filosofia: um diálogo com a obra infâncias: aqui e além-mar* traz uma proposta interessante para o debate infância e a filosofia, pela forma como produziu pensamentos a partir do cotejo com a literatura poética, com a obra *Infâncias: Aqui e Além-mar*, escrita por José Santos e José Jorge Letria. Evoco Mikhail Bakhtin (2015), que nos presenteia com seus apontamentos sobre a arte, nos dizendo que, com a ciência e a vida, formam as três esferas da cultura humana com as quais devemos responder ética e esteticamente em nossos atos. Portanto, uma escrita científica que se atravessa com a arte se torna fértil, e por esse motivo destaco a relevância deste texto para a reflexão filosófica com a infância. Além disso, considero muito profícuo todo o debate que coloca a questão das infâncias para além de perspectivas desenvolvimentistas e biológicas.

Entretanto, ao propor uma escritura em leituras cruzadas, especialmente gêneros distintos, como textos científicos e poemas, é preciso o cuidado ético para que não se caia nas armadilhas da interpretação. No caso do artigo aqui analisado, a proposta da/do autora/o é a análise da obra escrita por José Santos e José Jorge Letria, “estabelecendo um diálogo reflexivo com os conceitos de infância e experiência propostos por Walter Kohan e Jorge Larrosa”, o que sugeriria uma leitura cruzada entre distintos pensamentos com as infâncias, considerando não somente as autorias das ideias como também os gêneros nos quais os textos foram produzidos, o que implica pensar nas peculiaridades e possibilidades de ambos os gêneros que os autores utilizaram para enunciar seus discursos. O que se observou no decorrer da leitura, foi a análise de fragmentos dos poemas da obra de Santos e Letria a partir de apontamentos produzidos em/no diálogo com os pensamentos de Kohan e Larrosa, em forma de apreciações críticas produzidas nas e pelas interpretações da/do autor/a do artigo, criando três pensamentos que caminharam, por vezes, de forma paralela, na contramão das leituras cruzadas, em consequência da necessidade da interpretação das ideias dos poetas por parte da/do autor/a. Nesse sentido, o texto produziu armadilhas que podem comprometer a apreciação estética da obra poética pelos/as leitores/as do artigo, impossibilitando a abertura do texto e a possibilidade da produção de muitas leituras a partir do cotejo proposto.

Penso que seria mais adequado, para não cair na armadilha da interpretação, fazer uma seleção dos poemas que vão entrar em diálogo no artigo e trazê-los na íntegra. O cruzamento de ideias ou leituras em interseção pode ser uma estratégia metodológica na escrita do artigo, portanto produzida pelo/a autor/a, ou seja, é ele/ela quem vai tecer pensamentos como se fosse um mediador/a crítico/a e criativo/a neste debate cruzado, considerando o cotejo entre as obras como possibilidade. Sugiro consultar as produções publicadas do Grupos de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE da UFSCar, coordenado pelo prof^o Dr. Valdemir Miotello, que pode contribuir com a metodologia do cotejo em Mikhail Bakhtin.

Outra questão a ser colocada, é uma certa confusão nas vozes dos autores/pensadores em diálogo no texto. No caso das proposições teóricas, as ideias de infância e experiência estiveram contempladas em diálogo com Kohan (2005), Kohan e Kennedy (1999) e Larrosa (2014). Entretanto, a voz de Kennedy não aparece contemplada no texto, a não ser como referência à obra. Seria necessária a correção, incluindo a sua autoria cada vez que a obra utilizada for citada. No caso dos poetas, foi explicado que os poemas foram produzidos de forma conjunta por ambos, envolvendo não somente o deslocamento temporal pelas memórias cruzadas, mas também o deslocamento espacial, considerando que são contextos de infância distintos: Brasil e Portugal. A dimensão espacial, com suas diferenças culturais, não aparece contemplada na imagem da infância produzida pelos poetas, ou melhor dizendo, apesar de espaços distintos e, talvez, tempos distintos também, na leitura do texto as memórias dos poetas parecem ter produzido uma infância única, desconsiderando os territórios de pertença de cada poeta, suas distintas dimensões culturais, que poderiam produzir apontamentos mais potentes. Essa questão pode ter acontecido em função da fragmentação das poesias. Sugiro buscar imagens que possam trazer traços culturais nas experiências de memória, desenhadas em forma de poesia por Santos e Letria, que escreveram em conjunto, mas não uma unidade.

Aproveito para colocar do cuidado com a produção de ideias generalizadas. Ressalto aqui, o binômio repetição e diferença, proposto no início do artigo, considerando que, para Deleuze, a repetição se opõe à generalização

e à generalidade pela sua possibilidade de produzir singularidades, sendo, para este pensador, o “motor da diferença” (2018, p. 11). Em algumas passagens do artigo, percebe-se uma visão da infância generalizada, e por vezes romantizada, como no trecho: “É no convívio familiar que a criança pode aprender os gestos de cuidado e de partilha que a acompanharão em sua relação com o outro. Ao mesmo tempo, o lar não se configura apenas como abrigo contra as tempestades, mas um “casulo” onde se aprende a ser no mundo. Ali a criança constrói as suas próprias narrativas, reinventa objetos e reconfigura espaços. Mais do que um simples cenário, a casa é mediadora das relações que sustentam a formação subjetiva da criança e suas relações com a comunidade.”

Quais ideias de família, casa, convívio e comunidade estão em diálogo? Todas as crianças terão esta possibilidade? Como pensar com aquelas crianças que não têm casa ou que a casa não se assemelha a um “casulo”? Como pensar com aquelas crianças em que a “casa” é somente um abrigo? São muitas questões que foram fixadas nas armadilhas da universalidade e da generalidade, por vezes observadas no texto. O debate Filosofia e Infância tem contribuído sobremaneira com os Estudos da Infância, alargando os sentidos para além das ideias desenvolvimentistas, que nos levam para as armadilhas da universalidade e da generalidade. Para que seja possível produzir diferenças potentes, que aproximam as infâncias pensadas pelos filósofos e desenhadas nas imagens de memória dos poetas, é preciso considerá-las no plural, tanto infâncias, quanto experiências: plural nas territorialidades, no tempo, nas condições, no gênero, na raça, nas linguagens, entre outras questões que não aparecem atravessadas no discurso produzido neste texto. Sugiro a leitura de Anete Abramowicz e suas companheiras, que propõem um intercruzamento da Sociologia com a Filosofia da Infância, com questões muito bacanas para ajudá-lo(a) a sair desta armadilha, com proposições que ampliem as possibilidades de inclusão de diversas experiências de infância, vivenciadas pelas crianças em diferentes tempos. Mas, ratifico que os filósofos com os quais dialogou também podem ajudá-lo/a nesse sentido.

Com relação ao gênero ensaio, na proposta de Adorno, considero atenção à questão da fragmentação, que não diz respeito ao sentido literal do fragmento,

mas pensar que cada ideia, cada acontecimento, cada vivenciamento, cada enunciação, enfim, nosso pensamento produz mônadas de realidade. W. Benjamin, que você traz em epígrafe, também escreveu sobre essa percepção para refletirmos sobre imaginar, criar, perceber e desenhar a realidade, ou melhor dizendo, a tensão entre concretude, realidade e fantasia. Portanto, cada poema, na íntegra, pode ser lido e apreciado esteticamente como uma fragmentação da realidade na criação dos poetas, na perspectiva de Adorno.

No mais, considero que o artigo reflete a literatura atual e, com atenção às questões aqui levantadas, poderá trazer boas reflexões com o debate filosofia e infância, portanto, avalio o artigo como *publicável com as revisões indicadas na revisão*.